



D. Mariana Monteiro: "uma cidade para a família".



Maria Helena: professora



A cidade transfigurou-se, cresceu e vai ocupando os espaços vazios do monumental. Aos milhares, as pessoas tomam as ruas, agitando-as com a pressa incontida do progresso

UMA TRANSA DIFERENTE

Onze opiniões e um consenso: Brasília é uma cidade boa de se viver. Tem seus próprios atrativos, um estilo de vida peculiar, mas nem por isso menos agradável. Se não conta com as delícias das praias litorâneas ou a efervescência dos centros culturais e comerciais das grandes capitais brasileiras, tem a sua contrapartida, asseguram. Onde se indagam em resposta às perguntas -- cultivar a vida familiar, retomar sua individualidade, usufruir as coisas simples da vida, estudar e trabalhar sem atropelos e correrias como aqui? Antecipando-se às costumeiras críticas, dizem que não gostam da cidade aqueles que não a entendem ou não se entendem. Manipulados pela sociedade de consumo, nos grandes centros nacionais, os homens se entregam à volúpia de consumir e, nesse ritmo, são devorados pela engrenagem, observam nossos entrevistados. Desumanizam-se, viram peças. Não sabem nem o que é sair à tarde, pelos jardins, com a mulher, os filhos ou simplesmente sozinhos, para curtir a natureza. Ouvindo grilos e até o coaxar dos sapos. Vendo as estrelas. O por-do-sol e todas essas coisas que parecem ter morrido a partir da segunda metade do século.

Dão suas opiniões, coincidentemente semelhantes no geral e apenas divergentes no que toca a seus interesses pessoais; um garçom, um estudante, uma funcionária pública, um gerente de banco, um relações públicas, uma professora, um comerciante bem sucedido, um médico, uma dona-de-casa, uma jornalista, uma alegre cocota. Quatro deles procedem de Minas Gerais, um de Santa Catarina, um de Goiás, um da Bahia, um da Paraíba e dois do Rio de Janeiro.

Sua vivência na Capital Federal totaliza 134 anos e, tanto os mais antigos como os mais jovens, sintonizam seus pontos-de-vista de maneira tão harmônica que dá para começar a se falar numa geração de Brasília, que, se não nasceu aqui, adotou a terra sem restrições. E que defende seu bairrismo apoiado na grande margem "per capita" do nosso verde, na arquitetura majestosa da cidade, nas facilidades de escola próxima, da padaria e do pequeno comércio em geral. E mais, fazem questão de acrescentar: este é um lugar predileto. Será a capital do terceiro milênio.



Amélia: mais da metade da existência vivida no Planalto.



Hely Walter Couto se encontrou na cidade generosa.



Hélio: nem brasiliense nem candango: um pré-brasiliense.



Sérgio Nunes Brandão, os turistas não pouparam elogios.



Para Melchior, a sua vinda foi o encontro com a cidade grande.

UM PRÉ-BRASILIENSE

Quando nasceu há 18 anos, no Hospital do IAPI, Hélio Ferreira, 18 anos (SQS 410 Bl. "Q" - Ent. "C" - apto 101), enfrentou uma curiosa situação legal: não era brasiliense nem tampouco goiano. "Fiquei sendo então um candango, dos legítimos. Assim como se fosse um pré-brasiliense".

Estudante do segundo ano do 2º. grau, ele diz que, "nascido em meio ao cheiro da terra rasgada para receber as primeiras construções, não poderia deixar de se amarrar à cidade". Aqui se aprende uma nova maneira de viver, afirma. Valorizamos a introspecção pelo que pode fornecer ao intelecto. Mas nem por isso deixamos de cultivar a amizade, a patota e demais coisas da idade, como em qualquer outro lugar.

Se morar em Brasília foi uma opção dos pais de Hélio, o mesmo se aplica ao Dr. Bettinelli Pereira de Farias (Lago Sul), paraibano, que quis que seus filhos nascessem na terra predestinada de Brasília. Desvinculados dos condicionamentos dos outros lugares.

Com quinze anos de Brasília, ele se sente feliz por ter dado seu crédito à cidade, por ter presenciado o despontar da capital que hoje tem seu lugar assegurado na história nacional, como uma obra que revela a arte, o engenho e a tenacidade da nossa gente.

Tendo vindo menino para cá,

exatamente aos 12 anos, Ezio Nunes Brandão, garçom, não se lamenta de ter deixado Patrocínio, em Minas Gerais, porque viveu o encantamento mágico do tempo da construção.

"No Núcleo Bandeirante, onde sua família se fixou, curtiu a sua adolescência e, transferido hoje para o Cruzeiro Velho, continua a gostar daqui, com o amadurecimento que os anos lhe conferiram.

Dona Mariana Monteiro (107 Sul), aos 10 anos de Brasília, bendiz o dia em que seu marido veio transferido para cá. Sua adaptação à cidade foi tão íntima que, hoje, ela só vai ao Rio para visitar os parentes. E toda vez que vai, fica ansiosa para voltar, para retornar contado com a "liberdade que as crianças têm aqui, o ar puro, um clima saudável". Diz que as poucas praças existentes são compensadas pelo grande verde das superquadras e, para ser mais completa, a cidade precisava só de um pouco mais de opções no ramo da diversão.

FALA A COCOTA

Embora não goste de ser chamada como tal, Cintia de Castro, 18 anos, residente na 107 Sul, é uma legítima representante do gênero. Com 7 anos de Brasília, se prepara para fazer o vestibular de Comunicação e, nos seus planos mais distantes para o futuro, planeja se casar e constituir família aqui. Para que seus filhos possam usufruir de uma

cidade planejada para conservar os valores da vivência comunitária, esse sentimento de liberdade e pureza que se sente em toda parte.

Uma das primeiras professoras a ensinar na nova terra, mesmo antes de sua inauguração, Maria Helena de Lana Torres completou seus 18 anos na cidade. Abençoados 18 anos, como diz. Aqui conquistou sua realização profissional e estabeleceu-se economicamente. E o bem que esse estilo de viver da capital proporciona, ela pode sentir nos seus 13 sobrinhos, todos nascidos aqui. Com uma mentalidade e uma visão diferentes. Só repara que nunca se fez uma homenagem aos criadores da cidade - Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. Uma homenagem que reúna o povo na praça pública, que junte o cívismo à emoção do agradecimento.

Jornalista e professora, também mineira como Maria Helena, Amélia Maria Correa de Paula está com seus 16 anos na cidade. Observa que passou, no Planalto, mais da metade de sua agradável existência. E considera essencial a tranquilidade que aqui se tem de trabalhar, estudar, e até mesmo para divertir-se. Tudo com ordem e moderação. "Bom, isso", declara.

A CIDADE GRANDE

Depois de ter vivido quase toda sua existência em pequenas cidades de Goiás, Mel-

chiades do Espírito Santo Ferreira, gerente do Banco do Brasil na Asa Norte, encontrou em Brasília a cidade grande. Com seu elenco de confortos e facilidades. Com pouco mais de um ano aqui, já decidiu: pretende fixar-se. Mesmo porque seus filhos já estão em idade escolar e, se há algum lugar que sirva convenientemente à sua educação, é este. As diversões - a grande queixa geral - são mais do que suficientes, principalmente para quem que, como ele, acha prazer até no estudo. Tanto ele como sua mulher e seus filhos se declararam encantados com a beleza da cidade, os seus aspectos urbanísticos, e até a sua limpeza.

Também funcionária do BB, Laís Helena Monclaro, procedente de Santa Catarina, está há um ano na cidade. Aos 19 anos, séria e bonita, acha que seu temperamento combina com o da cidade: calmo e tranquilo. Com tempo para estudar, ler, trabalhar e divertir-se. Não deixa de encarar a cidade nos seus aspectos exóticos, diferentes, mas como estudante de Psicologia do CEUB, comprehende que esta é uma urbe diferente, traçada para receber o homem.

Quem não conhece, nesta cidade, a Picape da Borracha? E seu proprietário, Hely Walter Couto, que começou em 1959 na Cidade Livre, com um pequeno comércio no ramo da borracha. Como eu.

Hoje comodoro do Late Clube e um dos negociantes mais bem sucedidos da cidade, ele não tem do que se queixar. Tem um amor declarado por Brasília, porque aqui encontrou paz, realizou-se como homem de empresa, aqui seus filhos nasceram e se criaram. Considera que a Capital tem um clima excelente e, felizmente, não padece praticamente de nenhuma poluição. E é uma cidade generosa: aqueles que se esforçaram, soube corresponder com generosidade.

Os baianos são conhecidos tradicionalmente como uma gente apegada à sua terra. Mas apesar dos encantos de Salvador, de onde veio há 14 anos, João Paulo Machado Peixoto não quer outra vida senão a da capital federal. "É difícil de explicar, mas me sinto tão bem aqui como em nenhum outro lugar. Toda vez que viajo, há sempre aquela vontade urgente de voltar. E me tranquilizo assim que vejo, de avião ou carro, a fileira de luzes do Eixo". Relações Públicas do Projeto Rondon, ele conhece praticamente todo o País e acha natural o espanto dos que aqui vêm pela primeira vez. Afinal - comenta - a arquitetura não é somente traçados e prédios; ela organiza a maneira de viver do homem, como aqui em Brasília. Aqueles que não têm disciplina íntima, não gostam. Mas quem está aberto a coisas novas, adora. Como eu.